

Economia Brasil

# O Brasil ainda tem fôlego

Armínio e Malan dizem que país está em boas condições para enfrentar dificuldades externas

Dácio Malta, Sergio Fadul e Raul Pilati

BRASÍLIA

**U**m grupo de economistas do Ministério da Fazenda retornou há duas semanas dos Estados Unidos. A missão que durou 15 dias, até então desconhecida, foi reunir-se com técnicos do Governo americano, banqueiros e consultores de análise internacional para obter informações sobre a maior economia do mundo, que tem causado apreensão e assustado investidores e governantes. Desta vez os brasileiros é que estão preocupados com os rumos da economia americana. As constantes altas nas taxas de juros dos EUA, as oscilações nas bolsas, a alta nos preços do petróleo, a desvalorização do euro e as turbulências na economia argentina causam inquiétude e incerteza e deixam o Governo em estado de alerta.

O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, afirma que a economia brasileira passa por teste e está sendo aprovada. Graças, segundo ele, à menor dependência de capitais de curto prazo para pagar os compromissos externos do país, a solidez do mercado financeiro e as reformas estruturais aprovadas pelo Congresso. Armínio afirma que quando a poeira assentar lá fora veremos que a situação do Brasil é muito melhor.

— Estamos passando um momento extremamente desfavorável; ainda temos fôlego para aguentar, mas quanto pior lá fora, pior para o Brasil — afirma Armínio.

## O melhor é reforçar as metas com FMI

• A situação externa tem merecido acompanhamento cuidadoso da equipe econômica. A grande preocupação dos técnicos é que, com o agravamento dos problemas internacionais, o Brasil tenha dificuldade de financiar os compromissos no exterior. Hoje, as contas externas estão sendo financiadas com investimentos estrangeiros diretos. Segundo o presidente do BC, o país oferece oportunidades fantásticas de investimentos e é natural que tenha déficit nas contas externas.

O Governo considera que a economia brasileira está mais robusta e protegida com as medidas dos últimos anos. O ministro da Fazenda, Pedro Malan, garante que não prepara nenhuma medida pontual, e o caminho é, cada vez mais, consolidar po-



Arquivo



Arquivo

MALAN E ARMÍNIO: para o ministro da Fazenda e o presidente do BC, a economia está robusta; só falta consolidar o ajuste

lítica, econômica e juridicamente os ajustes feitos na economia:

— Vivemos num mundo cheio de riscos, incertezas e suspensões. Quem for estudar a história financeira internacional verá que é uma sucessão de crises. Temos que tornar nossa economia cada vez mais sólida e que se perceba isso.

A equipe econômica acredita que o melhor a fazer é reforçar principalmente as metas fiscais acertadas com o Fundo Monetário International (FMI), de superávit primário do setor público de 3,25% do PIB em 2000. No Governo, há a certeza de que a percepção do Brasil mudou no último ano, inspirando confiança nos investidores internacionais. O esforço é para fortalecer essa percepção favorável, seguindo a disciplina de gastar menos do que se arrecada.

— O mais importante é que estamos praticando uma política ativa, não passiva. O mercado hoje diferencia o Brasil dos outros países

emergentes — afirma o ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, Martus Tavares.

## País enfrenta duplo choque externo

• Na avaliação do presidente do BC, o Brasil enfrenta duplo choque externo. Primeiro, o aumento da taxa de juros nos EUA, que está em 6,5% ao ano. Isso atrai investimentos, levando o BC a entrar na disputa pelos recursos e manter a taxa de juros doméstica em patamar que continue atraindo capital. As taxas no Brasil, que vinham caindo de mais de 44% ao ano para menos de 20% ao ano desde 1999, foram reduzidas uma só vez em 2000, de 19% para 18,5% ao ano.

O segundo choque é o aumento do preço do petróleo, de US\$ 15 por barril, no início de 99, para US\$ 29 nos últimos dias. Isso afeta o país de duas

formas. Aumenta os gastos com importações, piorando o déficit da balança comercial e, consequentemente, do balanço de pagamentos. E, quando o petróleo sobe, reduz a margem de ganho do Tesouro Nacional com a Parcela de Preço Específico (PPE), imposto disfarçado que incide sobre os preços dos combustíveis. Este ano, o Tesouro espera obter R\$ 3,5 bilhões com a PPE.

— Entramos nessa fase de vento contra com situação fiscal forte e balanço de pagamentos que não depende mais de capital de curto prazo — completa Armínio Fraga.

A preocupação se estende aos parlamentares, inclusive governistas. Temem ter que aprovar novas medidas de ajuste e enfrentar a ira dos eleitores, se a turbulência externa causar estragos mais sérios na economia interna, e propõem uma agenda para retomada do desenvolvimento. ■

COLABOROU Maria Lima

## O QUE ELES DISSERAM

“Ainda temos fôlego para aguentar, mas quanto pior lá fora, pior para o Brasil”

ARMÍNIO FRAGA • PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL

“Nosso problema é que nós brasileiros temos muito pouca auto-estima, então, achamos que são manifestações contra nós”

PEDRO MALAN • MINISTRO DA FAZENDA

“Tivemos avanços significativos, não uma bolha, um pilequinho”

ARMÍNIO FRAGA • PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL

“O que o Fed está fazendo é desacelerar a economia dos EUA, não uma capotagem”

MARTUS TAVARES • MINISTRO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO

“O preço já foi pago com a alta do dólar frente ao real e é bem menor do que se tivéssemos o regime cambial antigo”

AFFONSO CELSO PASTORE • ECONOMISTA E EX-PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL

“O que o Brasil tem de fazer, além do que já está sendo feito, é rezar para que a crise americana não se agrave”

MAILSON DA NÓBREGA • EX-MINISTRO DA FAZENDA

“Todo e qualquer choque externo atrapalha. Mas os fundamentos da economia brasileira são mais sólidos agora. E não se sente a vulnerabilidade que tivemos no passado”

FRANCISCO GROS • PRESIDENTE DO BNDES

“Não estamos preparando nenhuma medida pontual e o caminho é cada vez mais nos consolidarmos politicamente, economicamente e juridicamente”

PEDRO MALAN • MINISTRO DA FAZENDA

“A dolarização não resolveria os principais problemas que a Argentina enfrenta hoje, como a dificuldade de vender produtos no exterior”

FABIO GIAMBIAGI • ECONOMISTA DO BNDES